

APARENTE CONTRADIÇÃO DO LEITE

Sebastião Teixeira Gomes¹

A análise da história recente da produção de leite do Brasil mostra uma contradição. Se não é, pelo menos parece ser. De 1980 a 93, enquanto o preço recebido pelo produtor, em valores corrigidos, caiu 43%, a produção de leite do País aumentou 41% (Tabela 1). A produção passou de 11,16 bilhões de litros/ano para 15,75 bilhões de litros anuais, equivalentes à taxa geométrica de crescimento de 2,6% ao ano. Essa taxa é superior à do crescimento da população, o que significa aumento da produção per capita, ainda que em pequena quantidade. Considerando os extremos da série, o aumento da produção foi de 4,59 bilhões de litros por ano, o que equivale, mais ou menos, a 65% de toda a produção/anual da Argentina. Realmente, foi um salto digno de nota diante de realidade tão adversa.

Ainda em relação à Tabela 1, pode-se observar que o preço recebido pelo produtor, além de decrescer, foi muito instável no período. A instabilidade do preço do leite representa um complicador a mais na direção da modernização da pecuária. A agricultura brasileira tem vários exemplos de associação positiva entre a produtividade e a estabilidade do preço recebido pelo produtor. Atividades com preços sem grandes variações têm alcançado maior nível tecnológico e, por consequência, maior produtividade. Em resumo, a produção de leite do Brasil cresceu muito num quadro de grandes dificuldades.

O segredo dessa aparente contradição está na significativa queda dos custos de produção, decorrente do aumento da produtividade e da queda dos preços de insumos e serviços utilizados na atividade leiteira. Se por um lado reduziu-se a renda bruta, em razão da redução do preço do leite, por outro reduziu-se também o custo da produção. A combinação dessas duas quedas resultou em certa estabilidade da renda líquida. Evidentemente que esse comportamento não aconteceu de maneira igual em todos os sistemas de produção de leite do País. Os sistemas que não aumentaram a produtividade

¹ Professor da UFV e Consultor da EMBRAPA. Escrito em 19/09/94.

tiveram forte queda na sua lucratividade. A pecuária leiteira, como todas as atividades do setor agropecuário, aprofunda rapidamente sua segmentação. O dualismo tecnológico avança e com ele a diferenciação de lucratividade dos sistemas de produção. De um lado, aqueles que conseguem, com o aumento da produtividade, compensar a deterioração dos termos de troca (preço do leite/preço de insumos e serviços) e, de outro, aqueles com produtividade estagnada e, por conseqüência, num processo de empobrecimento.

Voltando aos fatores que contribuíram para a queda do custo de produção, examina-se, a seguir, o comportamento da produtividade do rebanho. Na década de 70, na explicação da taxa de crescimento da produção de leite do Brasil, o aumento do número de vacas ordenhadas participou com 81%, ficando apenas 19% para ser explicado pelo aumento da produtividade. No período de 1980 a 93, as fontes de crescimento da produção de leite foram: crescimento do número de vacas ordenhadas, 60%, e aumento da produtividade do rebanho, 40%. Evidentemente que a situação atual ainda está longe de ser a ideal, mas não se pode negar a mudança nos padrões de crescimento da produção de leite do País.

De acordo com os dados da Tabela 2, no período 1980-94, enquanto o número de vacas ordenhadas cresceu 18%, a produtividade cresceu 20%. Na análise desses dados, deve-se considerar que o número de vacas ordenhadas refere-se a todo o rebanho brasileiro, independente de sua finalidade, isto é, incluem-se vacas de rebanhos especializados para leite como também os especializados para corte. Segundo dados do Censo Agropecuário do IBGE, apenas 54% das vacas ordenhadas pertencem a rebanhos classificados para leite, segundo a finalidade econômica; por isto, a produtividade média do rebanho brasileiro deve ser examinada com cuidado. Numa população com dados tão dispersos, a média global não é uma boa estatística para tirar inferências. Essa média acaba não sendo um bom indicador para exprimir a real produtividade do gado especializado para leite, nem tampouco para a do gado não especializado para leite. O ideal seria dividir o grupo de produtores em subgrupos mais ou menos homogêneos, calculando-se as médias desses subgrupos.

Além da heterogeneidade do rebanho bovino, segundo sua finalidade econômica, outro atributo importante na análise da produtividade diz respeito à distribuição da produção. No Brasil, existe grande número de pequenos produtores de leite que operam

com baixa produtividade e têm participação decrescente na oferta global de leite. No outro extremo, existe menor número de produtores, com produtividade de média a alta e que têm participação crescente na oferta de leite. Os dados das Tabelas 3 e 4 confirmam essa distribuição da produção de leite. Na Central Paulista de Laticínios, 18% do número de produtores (mais de 200 litros/dia) respondem com, aproximadamente, 60% da produção total. O mesmo acontece na Itambé, onde apenas 18% do número de produtores (mais de 100 litros/dia) respondem com quase 60% da produção. Esse é o grupo que está puxando para cima a produtividade e que nem sempre aparece, por causa do grande número de caudatários.

Embora existam restrições decorrentes da heterogeneidade do rebanho e das diferenças no tamanho dos sistemas de produção, a produtividade média do rebanho bovino brasileiro cresceu 20%, de 1980-94. Esse resultado é significativo, porque, além das limitações discutidas anteriormente, trata-se de um universo de quase vinte milhões de vacas ordenhadas.

A prova mais evidente que a produtividade do leite do Brasil está crescendo é o comportamento da produção de leite tipo B (Tabela 5). O produtor do leite B, quando comparado com o do leite C, adota mais tecnologia e, por conseqüência, tem maior nível de produtividade. No período de 1980-93, enquanto a produção total do leite do País cresceu 41%, a de leite B cresceu 136%.

Os dados apresentados permitem duas inferências: a) em razão da diversidade da produção de leite, tanto em relação à finalidade do rebanho quanto ao volume de produção, a interpretação da produtividade média do rebanho brasileiro deve ser feita com reservas, e b) ainda que longe dos níveis ideais, não se pode negar o crescimento da produtividade do rebanho brasileiro.

O segundo fator que contribuiu para a queda do custo de produção de leite foi a redução dos preços de importantes insumos e serviços utilizados no processo produtivo. O exame da Tabela 6 mostra que, de 1987 a 94, em valores corrigidos, ocorreram as seguintes quedas nos preços pagos pelo produtor: salário mínimo, 22%; concentrado, 33%; sulfato de amônia, 44%, e óleo diesel, 50%. Tais quedas foram decorrentes da recessão econômica do País e da política de preços reprimidos para os derivados de petróleo, praticada pelo governo brasileiro. Ao lado desses insumos e serviços, cujos preços caíram, existe o grupo

de medicamentos que apresentaram grandes elevações nos preços pagos pelos produtores. Em grande medida, a explicação para o comportamento dos preços de medicamentos está na estrutura oligopolizada desse setor. Em geral, as firmas que produzem medicamentos são multinacionais, com enorme poder de influenciar nos preços de seus produtos.

A agregação e a ponderação dos preços de insumos e serviços ocorrem no custo de produção. De acordo com os dados da Tabela 7, o custo total da atividade leiteira reduziu 30%, no período 1987-94, com os custos variáveis caindo 27% e os fixos, 39%. A menor queda dos custos variáveis é explicada pelo aumento dos preços de medicamentos.

A ocorrência simultânea de queda do preço recebido pelo produtor e aumento da produção permite concluir que, ao contrário do que muitos pensam, o objetivo do produtor não é simplesmente preço alto do leite, mas sim a maximização de seu lucro. Para alcançar tal objetivo, o preço pode até cair, se a queda for compensada pelo aumento da produtividade e, ou, redução dos preços de insumos e serviços. Aliás, foi isso que aconteceu nos últimos anos.

Os méritos do pecuarista com relação ao aumento da produtividade leiteira do rebanho são inegáveis, em razão das dificuldades que ele enfrenta para modernizar sua atividade. Ao contrário de outros países nos quais o produtor é protegido, aqui ele é, muitas vezes, instrumento de ajuste de políticas macroeconômicas. Durante quase meio século, o tabelamento do preço do leite dificultou muito a modernização da atividade leiteira. Agora, depois da liberação do preço, alguns obstáculos continuam a complicar a vida de quem está disposto a modernizar sua atividade. O autêntico profissional do leite enfrenta, hoje, dois inimigos, um interno e outro externo. O interno é o produtor safrista e o externo é a importação subsidiada de derivados lácteos. A fiscalização do controle de qualidade e a aplicação de tarifas compensatórias são soluções para esses males.

A fiscalização do controle de qualidade, que antes era centralizada no Ministério da Agricultura, agora permite que produtos comercializados dentro do município sejam fiscalizados pelo governo municipal; produtos comercializados entre municípios, pelo governo estadual, e produtos comercializados entre estados, pelo governo federal. A descentralização completamente solta da fiscalização tem-se mostrado ineficiente, facilitando a fraude e criando condições de desigualdade entre os produtores que investem

em tecnologia de produção com qualidade e os que apenas exploram, à margem, a atividade leiteira.

Quanto à aplicação de tarifas compensatórias, elas não podem ser descartadas, em razão dos pesados subsídios que até hoje existem no mercado internacional do leite. Não se trata apenas de proteger o produtor nacional ineficiente, mas impedir uma competição desigual até mesmo pelos produtores eficientes, com graves prejuízos para o País.

Por fim, a principal conclusão: embora se reconheçam as dificuldades de modernização da atividade leiteira e também o crescimento significativo da produtividade do rebanho, nos últimos anos, ainda há longo caminho a percorrer. Ganho contínuo de produtividade é o único caminho que assegura, ao mesmo tempo, lucro ao produtor e preços decrescentes para o consumidor. O avanço da modernidade da economia brasileira lança o País, cada vez mais, no mercado internacional, exigindo aumentos sucessivos de eficiência para viabilizar a enorme competitividade.

Tabela 1 - Índices de produção total de leite do Brasil e do preço recebido pelo produtor de leite C

Ano	Produção	Preço
1980	100,00	100,00
1981	101,45	101,49
1982	102,68	83,43
1983	102,69	80,71
1984	106,90	74,08
1985	108,21	70,48
1986	111,91	67,80
1987	116,43	82,29
1988	121,14	65,38
1989	126,27	59,65
1990	129,76	54,54
1991	135,09	53,41
1992	137,14	57,97
1993	141,12	56,92

Fonte: Produção - Anuário Estatístico IBGE. Preço - SUNAB e Cooperativas.

Base: Produção 100 = 11.162.245.000 litros.

Tabela 2 - Índices de número de vacas ordenhadas e de produtividade do rebanho brasileiro

Ano	Vacas Ordenhadas	Produtividade
1980	100,00	100,00
1981	99,87	101,58
1982	99,23	103,46
1983	98,57	104,18
1984	101,39	105,43
1985	103,39	104,65
1986	105,43	106,15
1987	107,50	108,31
1988	109,33	110,80
1989	113,08	111,66
1990	115,50	112,34
1991	120,89	111,73
1992	115,75	118,48
1993	117,78	119,90

Fonte: Anuário Estatístico IBGE.

Base: N.º de vacas 100 = 16.512.969.

Produtividade 100 = 675,97 l/vaca/ano.

Tabela 3 - Distribuição da produção de leite recebida pela Cooperativa Central de Laticínios do Estado de São Paulo

Estratos de Produção (litros/dia)	Número de Produtores (%)	Produção de Leite (%)
Até 50	50,00	11,63
51-100	18,11	13,12
101-150	8,85	9,54
151-200	5,29	7,65
201-300	6,08	11,26
301-500	5,38	14,13
Mais de 500	6,41	32,67
TOTAL	100,00	100,00

Fonte: CCLESP.

Tabela 4 - Distribuição da produção de leite recebida pela Cooperativa Central dos Produtores Rurais - Itambé

Estrato de Produção (litros/dia)	Número de Produtores (%)	Produção de Leite (%)
Até 25	37,5	7,3
26 a 50	24,3	13,5
51 a 100	20,0	21,3
101 a 200	11,9	24,4
Mais de 200	6,3	33,5
TOTAL	100,0	100,0

Fonte: CCPR.

Tabela 5 - Índice de produção de leite B do Brasil

Ano	Índice
1980	100
1981	106
1982	103
1983	116
1984	128
1985	128
1986	145
1987	164
1988	189
1989	196
1990	220
1991	226
1992	244
1993	236

Fonte: ABPLB.

Base: 100 = 33,4 milhões de litros.

Tabela 6 - Índices de preços pagos pelo produtor

Ano	Salário-Mínimo	Concentrado	Sulfato Amônia	Óleo Diesel	Vermífugo Ripercol	Agrovet
1987	100	100	100	100	100	100
1988	104	111	91	95	134	146
1989	108	93	85	65	97	109
1990	82	83	65	70	121	182
1991	82	85	67	64	138	278
1992	94	83	68	83	197	398
1993	91	77	63	82	246	362
1994	78	67	56	50	192	341

Fonte: Planilha EMBRAPA.

Tabela 7 - Índices de custos variáveis, custos fixos e do custo total da atividade leiteira. Dados referentes ao leite tipo C

Anos	Custos Variáveis	Custos Fixos	Custo Total
1987	100	100	100
1988	102	77	96
1989	92	72	87
1990	80	84	81
1991	86	70	82
1992	93	64	86
1993	84	66	79
1994	73	61	70

Fonte: Planilha da EMBRAPA.